

JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**LEITURA E ESCRITA EM CRIÇAS COM
AUTISMO: O TRABALHO
PSICOPEDAGÓGICO A PARTIR DO MÉTODO
FÔNICO NA CLINICA ESCOLA MUNDO
AUTISTA**

**READING AND WRITING IN CHILDREN
WITH AUTISM: THE PSYCHOPEDAGOGICAL
WORK FROM THE PHONIC METHOD AT
THE CLINIC SCHOOL MUNDO AUTISTA**

Jocirley de OLIVEIRA
Universidade Federal do Norte do Tocantins
(UFNT)
E-mail: oliveiraaraguaina2013@gmail.com

Francisco Edviges ALBUQUERQUE
Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: fedviges@uol.com.br



RESUMO

Adquirir as habilidades de escrita e leitura pode ser bastante difícil para as crianças em geral e no caso de pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) pode ser ainda mais complexa. Na escrita, centra-se na ausência de: coordenação motora, planejamento motor, linguagem, organização e questões sensoriais. Já na leitura, ocorre desatenção ao focar em algo por muito tempo, em assimilar e memorizar sequências, como longas frases, números ou instruções em várias etapas. Dessa forma, o presente artigo objetiva apresentar o resultado de um trabalho psicopedagógico desenvolvido nos fundamentos do método fônico no ensino da escrita e leitura com uma criança do sexo masculino diagnosticada com autismo que é atendida na Clínica Escola Mundo Autista na cidade de Araguaína - TO. Assim, a abordagem utilizada foi a qualitativa e o método utilizado na pesquisa foi o estudo de caso, pois, permitiu investigar a evolução do participante, permitindo análise e a utilização de fontes múltiplas e de evidência. Como sustentação teórica, embasou-se em autores que já contribuíram com escritos sobre a temática. Como resultado, tem-se que o método fônico utilizado na alfabetização prioriza o ensino dos sons dos grafemas, começando com as letras mais simples (vogais) até as mais complexas (consoantes) até formar sílabas e palavras, favorecendo de forma significativa a aprendizagem da escrita e da leitura com crianças com TEA.

Palavras-chave: Autismo. Leitura e Escrita. Método Fônico. Psicopedagogia.

ABSTRACT

Acquiring writing and reading skills can be quite difficult for children in general and in the case of people with Autism Spectrum Disorder (ASD) it can be even more complex. In writing, it focuses on the absence of: motor coordination, motor planning, language, organization and sensory issues. In reading, however, there is inattention to focus on something for a long time, to assimilate and memorize sequences, such as long sentences, numbers or instructions in several steps. Thus, this article aims to present the result of a psychopedagogical work developed on the foundations of the phonic method in teaching writing and reading with a male child diagnosed with autism who is attended at the Clínica Escola Mundo Autista in the city of Araguaína - TO. Thus, the approach used was qualitative and the method used in the research was the case study, as it allowed to investigate the participant's evolution, allowing analysis and the use of multiple sources and evidence. As theoretical support, it was based on authors who have already contributed with writings on the subject. As a result, the phonic

Jocirley de OLIVEIRA; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Leitura e Escrita em Crianças com Autismo: O Trabalho Psicopedagógico a partir do Método Fônico na Clínica Escola Mundo Autista. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. Agosto. Ed. 29. V. 1. Págs.243-262. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculadefacit.edu.br.

method used in literacy gives priority to teaching the sounds of graphemes, starting with the simplest letters (vowels) to the most complex ones (consonants) to form syllables and words, significantly favoring the learning of writing and reading with children with ASD.

Keywords: Autism. Reading and writing. Phonic Method. Psychopedagogy.

INTRODUÇÃO

A aquisição das habilidades de escrita e leitura foi e sempre será um desafio para as crianças e para os profissionais da educação. O período que marca o letramento e alfabetização exige dos professores práticas que superem as dificuldades emergidas pelos alunos e ações que equalize a necessidade de aprender com o desejo para aprender. Esse trabalho ainda exige mais esforços dos educadores e especialistas que trabalham com crianças autistas, pois além de vivenciarem o letramento e alfabetização, irão necessitar de mais apoio para melhorar a autoestima e alcançar autonomia e independência, conquistas que serão fundamentais na adolescência e vida adulta.

Nos últimos anos, com a criação de várias instituições públicas e privadas especializadas no atendimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA, entre elas, a Clínica Escola Mundo Autista – Araguaína – Tocantins, espaço de realização da pesquisa, as famílias tem buscado apoio para além da escola regular no sentido de oportunizar aos seus filhos acesso a métodos que facilitam a aprendizagem, especialmente na escrita e na leitura.

Habitualmente, a criança autista na fase de alfabetização e também nas fases subsequentes de sua vida, apresenta muitas dificuldades em aprender de forma tradicional. Isso ocorre devido “seu cérebro processar as informações de maneira diferente de uma pessoa neurotípica” (VIDAL, 2006, p. 44). Nesse sentido, reforça-se a necessidade de a criança ter contato com métodos eficientes o quanto antes.

No mundo, no Brasil e em Araguaína, a criança autista quando alcança a fase de alfabetização apresenta na escrita ausência de coordenação motora, força muscular, planejamento motor, habilidades de linguagem, organização e questões sensoriais. Por isso, na maioria dos casos, apresenta uma caligrafia ilegível, não conseguem segurar o lápis, apresentando, portanto, dificuldade para começar a escrever. No caso da leitura, a criança não consegue focar atenção em algo por muito tempo, de assimilar e memorizar sequências, como frases longas, números ou instruções em várias etapas. Tudo isso se torna um desafio para a compreensão do que é lido.

Jocirley de OLIVEIRA; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Leitura e Escrita em Crianças com Autismo: O Trabalho Psicopedagógico a partir do Método Fônico na Clínica Escola Mundo Autista. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. Agosto. Ed. 29. V. 1. Págs.243-262. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

Não diferente dos problemas de aprendizagem já apontadas no parágrafo anterior, verificou-se durante o período de observação do trabalho realizado pela psicopedagogia com um menor de 06 (seis) anos, diagnosticado com autismo, que a maior dificuldade na aprendizagem da escrita e leitura era semelhante ao já apontado.

Nesse sentido, a metodologia fônica que é comprovadamente eficaz no ensino da escrita e da leitura no autismo se tornou imprescindível no ensino dessas habilidades com o participante desse estudo. A abordagem fônica é relativa à voz ou ao som (BERNARDINHO, 2020). Consiste em focar no som das letras e não apenas no nome. Por isso, se trabalha a sonorização das letras. Com esse método, a criança passou a assimilar o som de maneira mais eficiente.

Nesse contexto, o objetivo principal deste artigo é apresentar o resultado do trabalho psicopedagógico, desenvolvido nos fundamentos da metodologia fônica com a criança HRMB, do sexo masculino diagnosticado com autismo e atendida na Clínica Escola Mundo Autista na cidade de Araguaína - TO.

E para alicerçar toda a pesquisa, priorizou-se a leitura de obras de autores que já escreveram sobre a temática. Entre eles: Bernardinho (2020); Nunes (2019); Andrade (2010); Copovilla (2005); Ferreiro e Teberosky (1986); Rotta (2006) e Soares (2007).

O artigo está organizado em uma fundamentação teórica que discute de maneira não abrangente a leitura e a escrita, o trabalho da psicopedagogia e os fundamentos da metodologia fônica. Na metodologia, será apresentado o caminho percorrido para levantamento dos dados. Já na análise e discussão dos resultados, será apresentada a prática psicopedagógica desenvolvida com a utilização da metodologia fônica e os resultados de aprendizagem. Nas considerações finais, apresenta-se de forma resumida o resultado do estudo e as posições do autor.

Portanto, apostar nas possibilidades de aprendizagem da criança com autismo, incluindo a dimensão do sujeito psíquico e de sua capacidade cognitiva como organizadoras do campo das aprendizagens (VIDAL, 2006), abre espaço para que novas formas de aprender e ensinar sejam viabilizadas no contexto escolar e também fora dela. O estudo apresentado é relevante, pois o trabalho com a escrita e leitura sustentada na metodologia fônica é uma via poderosa e possível quando se trata da aprendizagem de crianças com autismo.

LEITURA E ESCRITA EM CRIANÇAS COM AUTISMO: O TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO A PARTIR DO MÉTODO FÔNICO

As crianças com autismo, em sua maioria apresentam dificuldades acentuadas na aprendizagem. Da mesma forma, pedagogos, psicopedagogos e outros profissionais que desempenham suas práticas com crianças autistas precisam buscar metodologias e eficazes que assegurem a aprendizagem da pessoa com TEA.

A aquisição de habilidades se torna na vida das crianças com autismo uma possibilidade eminente de comunicação com seus familiares, com o outro e com o mundo. Devido suas especificidades globais de desenvolvimento, apresentam dificuldades em aprender de forma tradicional, enfrentando desafios específicos, especialmente no período de alfabetização. “O processamento das informações é diferente, por isso precisam ser estimuladas adequadamente ao aprender a leitura e a escrita” (NUNES, 2016, p. 44).

Nesse sentido, discute-se a seguir, sem aprofundar muito o conceito de autismo, a leitura e a escrita no processo de aprendizagem do autismo, o trabalho da psicopedagogia como base para inserção de atividades para a aprendizagem das crianças e o papel da metodologia fônica como alternativa para o ensino à pessoa com TEA.

Breve Conceito de Autismo

O autismo é um transtorno grave, que acomete a sequência e qualidade do desenvolvimento infantil, caracterizado por alterações sociais e de comunicação e por interesses restritos, fixos e intensos e comportamentos repetitivos. Os critérios mais recentes para o diagnóstico estão descritos na quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V8, no qual é definido como “Transtorno do Espectro do Autismo” (FARIAS, 2014).

O termo “espectro” foi utilizado para indicar a heterogeneidade da manifestação e do grau de acometimento dos sintomas (leve, moderado e severo). Isso significa dizer, segundo Gomes (2008), que uma pessoa com autismo pode ser bem diferente de outra pessoa com o transtorno e que há uma variedade no perfil das pessoas afetadas.

Pensando em extremos, Gomes (2008), diz que:

Pode-se ter uma pessoa com autismo muito comprometida, com dificuldades graves de interação social, que não fala, que apresenta muitas alterações comportamentais e déficits cognitivos significativos, assim como outra pessoa com autismo com sintomas tão brandos, que fala, lê, escreve e interage bem socialmente, que um olhar leigo pode não perceber que a pessoa tem autismo (GOMES, 2008, p. 55).

Essa variedade no perfil das pessoas com autismo tem que ser considerada quando se analisa o ensino de habilidades complexas, como é o caso do ensino de leitura. Embora, segundo Gomes (2010), a aprendizagem no que diz respeito às habilidades de escrita e leitura tenham funções importantes na vida de qualquer indivíduo e ainda que pareçam muito naturais para qualquer leitor proficiente, essas habilidades são complexas e exigem do aprendiz esforço e a repetição de várias atividades.

Dessa maneira, antes de começar a alfabetizar uma pessoa com autismo é importante observar o grau do comprometimento e a disposição da família para colaborar e acompanhar todos os momentos da criança em suas atividades acadêmicas.

Breve Discussão Sobre a Leitura e a Escrita

A internalização das habilidades de leitura e escrita deve ocorrer preferencialmente em idade escolar. Como muitas crianças com autismo podem apresentar dificuldades nesse processo, é necessário que o início de sua alfabetização ocorra precocemente, ou seja, entre 4 e 5 anos, antes do que ocorre com as crianças típicas (sem autismo) da mesma idade. A estratégia de inserir a criança autista antecipadamente em atividades de alfabetização se justifica na lógica pelo fato da mesma apresentar dificuldades nesse processo. Dessa forma, promove-se uma ampliação no tempo para aprender.

Na alfabetização, se adquirir várias habilidades, no entanto, o foco desse estudo se concentra na escrita e na leitura. É o que se apresenta a seguir.

A leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos neurológicos, naturais, econômicos e políticos. Teberosky e Colomer (2003), corroboram dizendo:

A correspondência entre os sons e os sinais gráficos pela decifração do código e compreensão do conceito ou ideia; corresponde a um ato de compreensão, ou seja, uma busca daquilo que o texto pode significar, da mesma forma que se procura extrair significado da linguagem falada; para que a leitura seja possível, é necessário a compreensão dos símbolos (significantes) e aqueles que simbolizam (significados) (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p. 56).

Nesse âmbito, a leitura é definida como uma maneira de comunicar-se com o texto impresso por meio da busca de compreensão. O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor pelas quais ele extrai informações (MOUSSINHO, 2003). Ela é a capacitação de significados numa crescente comunicação entre o leitor e o texto que implica aprender a descobrir, reconhecer e utilizar os sinais da linguagem.

De acordo com a ideia de que a leitura implica compreensão, um aluno que seja somente capaz de simplesmente decodificar as palavras sem alcançar o entendimento da ideia contida nelas não pode ser considerado alguém que realmente lê.

Nessa perspectiva, inclui-se a criança autista em fase de alfabetização. Para elas, aprender a ler é um grande desafio. “Isso porque podem ter mais dificuldade em prestar atenção e manter o foco por muito tempo” (BERNARDINHO, 2015, p. 12). Diante dessas singularidades, outros fatores dificultam o aprendizado da leitura no autismo entre elas: memorizar frases ou compreender instruções divididas em etapas. Dessa forma, compreender as palavras, frases ou textos lidos torna-se ainda mais desafiador para as crianças com TEA.

A escrita é uma forma de representação da linguagem oral; como tal, escrever também diz respeito a um ato de significar, de representar ideias, conceitos ou sentimentos, por meio de símbolos, mas de origem gráfica e não sonora (TEBEROSKY E COLOMER, 2003).

Nesse sentido, Moussinho (2003), comenta que é fundamental praticar a escrita, uma vez que a mesma além de ser importante para a comunicação, também melhora a ortografia, pois os movimentos das mãos necessários para formar palavras promovem a memória muscular. As habilidades motoras finas se desenvolvem à medida que a coordenação e a consciência visual e espacial são exercidas.

Enveredado na colocação teórica, tem-se que a escrita é a prática de algo que foi recebida pela informação que chegou através de uma simples leitura de uma palavra, frase, texto, livro, placa, outdoor, ou que foi recebida pela audição de um noticiário que pode vir de vários meios de comunicação audiovisuais. “Também por uma orientação didática para escrever determinada letra ou palavra seguindo um determinado método” (MOUSSINHO, 2003, p. 67).

Escrever nos mais diversos contextos é importante, pois, deixa a mente fluir, deixando o pensamento no papel, falando sobre algum assunto que aconteceu ou está acontecendo. Dessa forma, Teberosky e Colomer argumentam que:

O ensino da escrita não pode ser tratado como uma questão técnica; a escrita precisa ser planejada e apresentada a criança, especialmente a que apresenta algum déficit ou transtorno como um instrumento cultural complexo, um objeto da cultura que tem uma função social (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p. 87).

Nesse sentido, para a criança com autismo e em fase de alfabetização, aprender a escrever envolve diferentes habilidades, como força muscular, linguagem, planejamento motor, entre outras. Apresentam dificuldade em segurar o lápis ao começar a escrever ou apresentar caligrafia ilegível. Assim, a criança autista necessita ser inserida em ensino diferenciado que utilize metodologias que suplante a superação das dificuldades e favoreça a aquisição de habilidades, como por exemplo, leitura e escrita.

Portanto, aprender a ler e a escrever em crianças com autismo, tornou-se uma preocupação de escolas e professores, pois se transformou num termômetro para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes. Mas, é importante esclarecer que desenvolver metodologias para leitores e escritores com autismo leva tempo. Por isso, as atividades propostas ao longo do ensino devem ser permanentes, sequenciais e asseguradas por projetos didáticos.

O Trabalho da Psicopedagogia com a Criança Autista

A Psicopedagogia ocupa-se do contexto da aprendizagem, tanto na área clínica, quanto na preventiva ou assistencial, envolvendo a elaboração teórica para compreender os fatores envolvidos nesse processo, sejam eles orgânicos, psicológicos, cognitivos, afetivos ou físicos, investigando suas características, possibilidades e dificuldades (BOSSA, 2000).

A atuação dessa área não se restringe à junção das abordagens psicológica e pedagógica, mas constitui-se como um corpo de conhecimento que provém de diversas áreas como a psicologia, linguística, psicanálise, pedagogia, dentre outras e visa contribuir para superação das barreiras que impedem o acesso do sujeito ao saber e ao conhecimento (CHAMAT, 2004).

Dessa forma, o psicopedagogo atua numa perspectiva multidisciplinar que possibilita ao profissional investigar e mediar. Para Sampaio (2014), é a partir do olhar crítico e historicizado que o processo de construção de conhecimento se efetiva pelo profissional. Ele pode também inserir-se numa perspectiva de assistência, participando ativamente nos projetos e programas relacionados à educação e saúde para ampliar o conhecimento e auxiliar na elaboração de cada etapa referente aos trabalhos sociais.

Nesse sentido, a Psicopedagogia desenvolve ações de atendimento a pessoas tanto individualmente, quanto em grupo e essa prática possui o objetivo de aproximar os sujeitos dos seus processos de aprendizagem possibilitando, portanto, a consciência do

seu funcionamento e assim conseguindo estabelecer estratégias para lidar com as dificuldades que possam surgir (BARBOSA, 2002) *apud* (FARIAS, 2019).

Na perspectiva da atuação psicopedagógica em crianças com autismo, esse profissional em sua prática,

[...] Apresenta uma relação direta com o processo de aquisição da leitura e escrita, podendo então refletir e intervir sobre os problemas de aprendizagem que surgem durante a aquisição da linguagem como forma de melhorar e contribuir para a qualidade de ensino nas classes de alfabetização (TEBEROSKY, 2003, p. 89) *apud* (FARIAS, 2019).

Pensando-se nestes conceitos, o profissional da psicopedagogia em sua formação adquire conhecimentos que unem a teoria à prática, possibilitando o desenvolvimento das habilidades da aprendizagem e também a construção do processo de alfabetização, caracterizado pela elaboração da leitura e escrita. Para que este processo se torne possível, Segundo Teberosky e Colomer (2003) *apud* Farias (2019), a formação psicopedagógica traz em sua metodologia de ensino, “o estudo aprofundado dos métodos utilizados para alfabetizar o sujeito, possibilitando que estas técnicas sejam aplicadas tanto na clínica quanto na área institucional”.

Trazendo a discussão para a alfabetização propriamente dita, os métodos de alfabetização estão presentes no meio educacional para promover o aprendizado da leitura e da escrita, e existe, segundo Arfelli (2000) uma variedade deles disponíveis para a ocorrência da alfabetização, como por exemplo, o fônico.

Ressalta-se que muitas dificuldades encontradas nos alunos durante o período de alfabetização são constantemente relacionadas à leitura e escrita

Abreu (2006) *apud* Farias, 2019), sobre essa questão trilha pelo caminho da clareza e afirma que:

Essas dificuldades geralmente aparecem quando a criança começa a ser alfabetizada aos seis anos de idade e se manifestam de diversas formas, como por exemplo, a disortografia, disgrafia, trocas ortográficas que podem ser superadas no decorrer do período de alfabetização como no caso de trocas fonêmicas simples ou perdurar por toda uma vida como uma dislexia (ABREU, 2006, p. 59) *apud* (FARIAS, 2019).

Estudos mais recentes afirmam a relevância da alfabetização na experiência escolar como uma fase de grande importância e interesse por parte de educadores, pais e profissionais relacionados com a causa social. Entre os profissionais que se dedicam e que desempenham atividades de alfabetização para além da sala de aula comum, estão por

exemplo, o psicopedagogo, que trabalha diretamente com o processo de alfabetização com pessoas que apresentam transtornos do espectro autista. Dessa forma, destaca-se a necessidade da ampliação do conhecimento por parte do psicopedagogo, acerca dos métodos de alfabetização disponíveis e eficazes.

Dentre os métodos utilizados para a alfabetização do autista pode-se citar o método fônico, que segundo Teberosky e Colomer (2003) Ressalta as correspondências grafofônicas, ou seja, a relação direta entre o som da fala e a escrita; o método tradicional, que tem como objetivo a associação grafema-fonema e é focado na memorização por meio de exercícios e as aulas são expositivas.

Diante disto, nota-se que a percepção sobre os métodos de alfabetização é de grande valia para os profissionais da Psicopedagogia que utilizam em suas práticas nos momentos de intervenção. A seguir, apresenta-se o método fônico, que tem uma relevância extraordinária no trabalho da psicopedagogia com a criança autista.

METODOLOGIA FÔNICA NO AUTISMO

Sejam quais forem as características da criança com autismo, há técnicas que podem ajudar no aprendizado, na leitura e escrita. É possível realizar estímulos simples e estabelecer conexões com a rotina da criança para envolvê-la no processo de aprendizado. Quando se trata de ensinar crianças com autismo, a abordagem tradicional pode não funcionar – muitas delas são mais visuais, algumas dependem de sons para aprender, enquanto outras requerem técnicas de aprendizagem multissensoriais.

Dessa forma, escolher a metodologia de alfabetização mais adequada para crianças com autismo é fundamental, principalmente as relacionadas a aquisição das habilidades de escrita e leitura. Assim, existe uma sinalização forte para o uso da metodologia fônica, método de alfabetização que “se dá pela associação entre grafemas e fonemas” (MORAIS, 1997, p. 81).

Capovilla (2010), afirma que o método fônico é inteligente, lúdico e nada mecânico. Nesse sentido, as crianças neurotípicas acabam sendo bem alfabetizadas em quatro ou seis meses, quando passam a ler textos cada vez mais complexos e variados e com as crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, o tempo é maior, no entanto é eficaz. Capovilla (2010), diz ainda que o método é tão eficaz em produzir compreensão e produção de textos porque, de modo sistemático e lúdico, fortalece o raciocínio e a inteligência verbal.

O método fônico, que é pautado na utilização da rota fonológica durante a atividade da leitura, com enfoque totalmente direcionado para as relações entre as letras e os sons, ou seja: “A escrita exige do indivíduo um conhecimento fonológico e fonêmico consciente para viabilizar o entendimento das correspondências entre as classes de sons e os grafemas, permitindo a segmentação da sílaba, necessária nos sistemas alfabéticos” (MASCARELLO; PEREIRA, 2014, p. 7).

As práticas de alfabetização que partem desse princípio fonético — som das letras, a exemplo, o fônico, é melhor assimiladas pelas crianças com autismo. Segundo Neves (2007), “desde os anos 70 e 80 pesquisas vem sendo realizadas e indicam que a metodologia fônica é segura e altamente eficaz para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista ou qualquer outra deficiência”.

Segundo Copovilla (2010) Pessoas com esse transtorno podem enfrentar diversos desafios, especialmente quando se trata de aprender. Porém, muitas vezes a dificuldade não está na aprendizagem em si, e sim na forma como ela acontece. Durante a infância, transformar a leitura em uma atividade de rotina e divertida é importante para ensinar crianças com autismo a ler.

No Brasil, pesquisas comprovam que a metodologia de alfabetização mais adequada para crianças com autismo é a fônica. Funciona assim, ao apresentar o som da letra para a criança, faz-se também uma demonstração do som da letra. Para Cardoso (2013) “ela é eficaz com o ensino em autismo, porque respeita o desenvolvimento cerebral e cognitivo do aluno, assim como a forma que ele aprende a ler e a escrever”.

Savage (2015), exemplifica essa questão, afirmando que:

Os nomes das vogais têm o mesmo som da letra — a, e, i, o, u. No entanto, para apresentar as consoantes para as crianças, é preciso falar o nome e o som da letra. A letra F, se chama “EFE”, mas o som da letra é fffff. É preciso mostrar isso para a criança, fazendo o som com a boca. Quando se parte do som da letra, a criança passa a perceber que quando ela junta o fffff com A, vira “FA” e assim sucessivamente (SAVAGE, 2015, p. 112).

Ainda, quando se apresenta o som das letras, tem algumas particularidades. ... O som é “lll” (com a língua posicionada atrás dos dentes superiores). “Se for acrescentado a letra “E” teremos “LE”” (SAVAGE, 2015). Esse passo a passo de construção é muito importante durante a alfabetização no autismo. O processo de alfabetização se torna mais simples, adequado e efetivo para as crianças com autismo.

Capovilla (2010), sobre a importância da metodologia fônica, contribui, afirmando que:

A metodologia fônica apresenta os sons das vogais, depois dos encontros vocálicos, seguindo a apresentação dos sons das consoantes, encontros consonantais, dígrafos, sílabas, palavras e textos. Na sua utilização, tudo é organizado em etapas didáticas, pois cada uma tem sua importância, com isto, aconselhando só avançar depois de conquistado cada uma (COPOVILLA, 2010, p. 67).

Ainda é possível extrair das pesquisas do autor que “o método fônico, é baseado em um ensino dinâmico do código alfabético”. No qual, a ênfase está em ensinar a criança a associar rapidamente letras e fonemas através de atividades lúdicas planejadas, para levar as crianças a aprender a codificar a fala em escrita e decodificar a escrita em fala, ou seja, a criança aprende que o código que representa a letra “A” é associado ao som “A”.

Assim, dá ênfase à importância da base fonética no ensino da leitura e escrita, denotando que autistas que aprendem as relações entre letra e som por meio do método fônico de ensino têm melhor avanço na leitura do que quando a aprendizagem ocorre por palavras inteiras (método global).

Portanto, o que se leva a entender, que para alfabetizar uma criança autista, o método mais proveitoso é aquele que considere a predefinição biopsicológica ao qual nosso cérebro está preparado, que em questão seria o Método Fônico.

METODOLOGIA

A metodologia é considerada o bojo condutor de qualquer pesquisa, nos possibilitando escolher o melhor caminho, tornando o estudo mais prático e mais científico. Fazendo, portanto, com que o pesquisador consiga chegar ao fim de uma forma mais organizada. Assim, o objetivo principal da metodologia adotada neste estudo foi a de organização do pensamento científico.

Nesse sentido, a presente pesquisa buscou desvelar práticas e concepções que permeiam a alfabetização de crianças com TEA através do método fônico. A escolha por buscar compreender na prática psicopedagógica na alfabetização de pessoas com autismo se deu por entender que é neste complexo e desafiante meio que se encontra uma das saídas para superação das dificuldades de aprendizagem na escrita e na leitura dessas crianças.

Assim, a abordagem utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi a qualitativa com foco na descrição. “Nessa abordagem não foi a atribuição de um nome que estabeleceu o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido” (ANDRÉ, 2013, p. 96). E descritiva, pois o estudo foi além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, objetivando determinar a natureza dessa relação. Diante desses diversos caminhos possíveis, optou-se pelo estudo de caso.

No que se refere a opção pelo estudo de caso, considerou-se o que afirma Gil (2002), sobre a metodologia fônica: “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos”. Dessa forma, foi uma maneira que permitiu adquirir um amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos. O método permitiu ainda investigar focalizando o fenômeno particular, levando em conta o cenário e suas múltiplas dimensões. “Valoriza-se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da análise situada e em profundidade” (ANDRÉ, 2013, p. 97).

No que se refere a coleta dos dados, o estudo esteve desenhado no processo de alfabetização através da metodologia fônica da criança com TEA na Clínica Escola Mundo Autista no município de Araguaína - Tocantins, aspirando alcançar o objetivo de analisar as contribuições da alfabetização com um aluno com TEA, bem como a prática psicopedagógica que alicerçou essa alfabetização e, assim, encontrar respostas para a questão norteadora dessa pesquisa: “Quais as contribuições da metodologia fônica na alfabetização de alunos com TEA na Clínica Escola Mundo Autista?”

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram observados os princípios éticos buscando proteger os direitos dos sujeitos participantes, deixando-os tranquilos em relação à sua privacidade. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelo docente e pelo responsável da criança observada, sendo autorizada a reprodução dos resultados da presente investigação, desde que salvaguardando a identificação dos participantes.

Foi aplicado um questionário semiestruturado somente ao psicopedagogo. Em relação ao menor, adotou-se a observação sistemática que se deu pela vantagem exposta por Gil (2008, p. 104) de que “os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação”. Desse modo, “[...] a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida”, os elementos verificados foram o processo de alfabetização do aluno com TEA. A documentação analisada foi as concepções do método utilizado, o material utilizado e aplicado e o retorno das atividades realizadas pela criança.

Quanto ao espaço do estudo, a pesquisa foi realizada na Clínica Escola Mundo Autista, instituição pública, sem fins lucrativos, mantida pela Prefeitura Municipal de Araguaína, através das secretarias municipais de Educação, Saúde e Assistência Social. A instituição foi criada pela Lei Municipal 3022 de 16/08/2016 e desenvolve ações de atendimentos nas áreas da educação, saúde e assistência social. A instituição é bastante conceituada no atendimento a crianças, adolescentes e adultos com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Está estruturada adequadamente e possui profissionais especializados e capacitados para atender desde a fase do diagnóstico até na inserção nas terapias.

Quanto aos participantes da pesquisa, foram 01 (uma) professora pedagoga e especialista em psicopedagogia clínica, que desenvolve suas atividades laborais no horário da tarde atendendo alunos com diagnóstico de autismo através da metodologia fônica. 01 (uma) criança de 06 (seis) anos de vida, que frequenta as sessões de aprendizagem desde fevereiro de 2018. Para manter o sigilo, os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios. Professora (P1); Criança (JPD).

Quanto à análise dos dados coletados na pesquisa foi analisada considerando os objetivos e os fundamentos teóricos que a sustentam. Assim, foram utilizados os pressupostos da análise de conteúdo de acordo com Bardin. Essa autora expõe que

[...] os documentos que podem ser submetidos à Análise de Conteúdos são de dois tipos: os documentos naturais, existentes na realidade social, e os documentos elaborados para atender às necessidades de levantamento de dados da pesquisa, como por exemplo, respostas a questionários, entrevistas, testes, experiências (BARDIN, 2011, p. 40).

Nesta construção, surgiu a técnica que se propôs, de forma sistemática, compreender a realidade, utilizando a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto das declarações. A escolha desse método de análise se deu pela necessidade de ultrapassar as incertezas que permeiam o contexto da alfabetização da criança com TEA.

Finalmente, o tratamento dos dados, toda interpretação. Foi necessário, nesse momento, estar atento para a fundamentação teórica, que embasou a investigação. A relação entre os dados obtidos e os marcos teóricos é o que deu sentido à interpretação, como é possível verificar a seguir.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante da observação, aplicação de questionário e análise das atividades realizadas através da metodologia fônica e do retorno da criança autista que frequentava sessões

psicopedagógicas na Clínica Escola Mundo Autista, tem-se que antes da apresentação dos resultados, será discorrido um pouco da história da criança que na pesquisa possui sua identidade em sigilo e nominada como HRMB.

HRMB nasceu em 04/05/2013 e atualmente tem está com 08 anos e matriculado no 2º ano do Ensino Fundamental. Frequenta a sala regular e tem horários na sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado de uma escola pública municipal da rede municipal de Araguaína. Como também, participa três vezes por semana, no horário da tarde de sessões psicopedagógicas na Clínica Escola Mundo Autista.

Foi diagnosticado com autismo no dia 03/05/2017, apresentando as seguintes características: **social:** apresenta déficit nas interações socioemocionais com desajuste de afeto. Quando contrariado, apresenta comportamento agressivo, chorando em demasia. **Linguagem:** sua linguagem é funcional, embora infantilizada, não condizendo com sua idade cronológica. Mistura palavras significativas com sons bizarros. **Comportamento:** não apresenta conhecimento de sua vida pessoal. Produz padrões restritivos e repetitivos de comportamento. **Estimulação motora e práticas corporais:** gosta de observar objetos girando e apresenta agitação psicomotora significativa e não respeita regras sociais. **Aprendizagem:** não apresenta conhecimento das vogais e consoantes. **Quadro clínico:** autismo infantil, tendo como comorbidade o transtorno hiperkinético de conduta e uma deficiência cognitiva moderada. Como terapia foi indicado: psicologia comportamental, psicopedagogia, fonoaudiologia, musicoterapia.

Partindo para as observações realizadas, em relação a prática psicopedagógica, verificou-se que a professora possuía qualificação para atuar na área, era assídua, utilizava sempre o plano de intervenção, adotava nos atendimentos a metodologia fônica, produzia o próprio material e utilizava durante as sessões com a criança autista.

Em relação a família de HRMB, mantinham regularidade na frequência da criança nas sessões. Notou-se que a criança gostava de participar dos momentos de aprendizagem e sempre demonstrava interesse para alcançar as metas estabelecidas para cada etapa de aprendizagem, quando chegava o momento de encerrar as atividades, demonstrava tristeza, pois, queria continuar.

Em relação à prática desenvolvida nas sessões psicopedagógicas, verificou-se que a profissional sempre adotava medidas para apoiar, ajudar a criança autista a escrever, ler e promover o interesse pelo desenvolvimento dessas habilidades. Verificou-se que a profissional sempre mantinha foco no interesse da criança: era comum perceber que a

criança mostrava interesse por alguma área específica. Por isso, investiam em materiais temáticos como brinquedos, animais, super-heróis, entre outros.

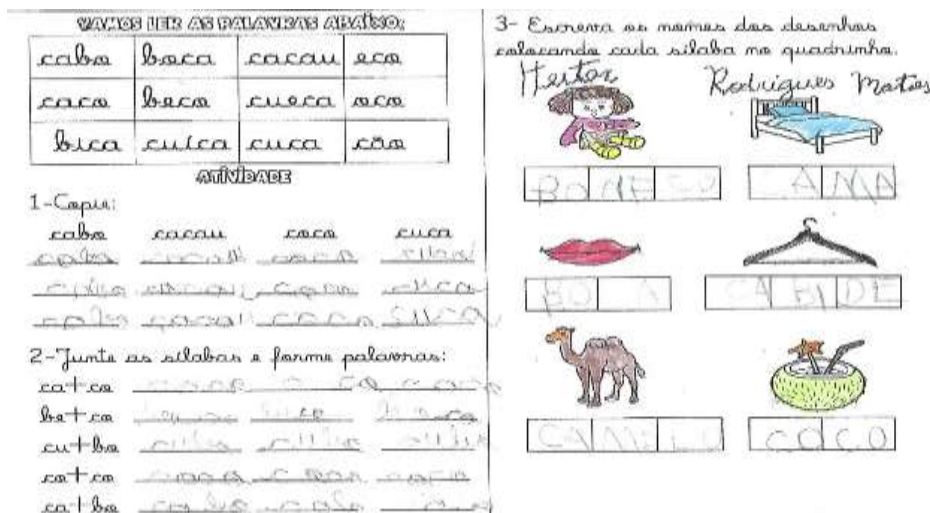
Mantinha um bom ambiente de estudo. A criança analisada era sensível aos lugares, sons, luz e até imagens. Por isso, era uma prioridade da profissional organizar o local adequadamente para estudar, sem distrações, onde se sentia relaxada e confortável.

Trabalhava sempre focando em um passo de cada vez. As orientações eram diretas e curtas. Verificou-se que a psicopedagoga via que o desenvolvimento da aprendizagem se dava em várias etapas simples, para que a criança processasse cada uma. Também, repassava aos pais, a cada atendimento realizado o que havia sido trabalhado e de como a família poderia contribuir com o filho em casa.

Em relação às atividades desenvolvidas com HRMB, têm-se os seguintes exemplos e descrições:



(Fonte: acervo de atividades psicopedagógicas – Clínica Escola Mundo Autista 04/2021)



Como no processo de alfabetização através do método fônico, a criança autista precisa superar três desafios para ler e escrever de forma razoável, a saber, (descobrir o princípio alfabético, aprender a decodificar e aprender o princípio ortográfico), tem-se que

conforme as várias atividades propostas e observadas durante a pesquisa e mediante exemplares apresentados nas imagens acima, verifica-se que as atividades buscam na criança a descoberta/aprendizagem de que as palavras são formuladas por fonemas (sons menores do que a sílaba e que os fonemas, por sua vez, são representados por grafemas). Promovem na criança o despertar para aprender que a relação entre os fonemas e os grafemas servem para extrair o som das palavras escritas. As regras que regem a produção escrita.

Portanto, é possível dizer que as atividades propostas e trabalhadas com a criança autista estabelecem a descoberta do princípio alfabético, e estão associadas a consciência fonológica, pois, identificar os segmentos (fonemas) de som que formam uma palavra.

Continuando com as análises construídas até aqui, foi aplicado um questionário semiestruturado a professora, especialista em Psicopedagogia. Pelas características que marcam a aprendizagem da criança autista, concentrou-se perguntas dentro do processo de alfabetização que envolvendo a consciência fonológica a partir das letras (vogais e consoantes) sílabas, palavras, frases, rimas e aliterações. Como segue:

Quadro 1. Perguntas e respostas realizadas com a psicopedagoga (P1)

Perguntas	Entrevistado (a)	Respostas
1. Para você o que é a metodologia fônica na alfabetização?	P1	Compreendo que a metodologia fônica ou fonética se refere a uma forma de alfabetizar no princípio fônico. Isto é, ensinando de maneira sistemática as correspondências entre grafemas e fonemas. Muito diferente ao método de silabação.
2. Diante de seu trabalho, qual é o objetivo do método fônico?	P1	Sempre coloquei nas minhas intervenções que o objetivo principal dessa metodologia é levar a criança à consciência das características formais da linguagem e que sua estrutura pode ser segmentada.
3. O que você compreende por consciência fonológica?	P1	Compreendo que a consciência fonológica se trata da habilidade de se manipular a língua. Ela abrange o reconhecimento de sílabas, palavras, frases, rimas e aliterações. Esses temas são explorados durante todo o processo de alfabetização.

<p>4. Como se dá o processo de alfabetização pelo método fônico?</p>	<p>P1</p>	<p>Tenho pesquisado muito sobre esse método e sempre início com o ensino das letras e seus sons. Conforme a aprendizagem da criança autista evolui e consegue responder corretamente aos estímulos de leitura e escrita é que muda para a próxima etapa. Trabalho começando com o menos complexo e vou incluindo complexidade aos poucos, como determina a metodologia. Dessa maneira, considera-se o ritmo da criança. Tudo ocorre de forma inteligente, lúdica e nada é mecânico.</p>
<p>5. Porque você utiliza o método fônico no atendimento com a criança autista?</p>	<p>P1</p>	<p>Há alguns anos atras tentei alfabetizar autistas com o método silábico. Mas, desde 2013 tenho adotado a metodologia fônica, pois, se configura como uma das melhores estratégias de alfabetização com crianças autistas. Com a adoção dessa metodologia, algumas adaptações podem ser necessárias para tornar o ensino atrativo, lúdico e eficaz. Essa metodologia valoriza a participação da criança em todas as etapas.</p>
<p>6. Quais os benefícios do método fônico na alfabetização de autistas?</p>	<p>P1</p>	<p>A maioria das crianças autistas com diagnostico que favoreça a aprendizagem aprendem melhor com o uso dessa metodologia, pois é rápido e eficaz. Elas, em pouco tempo costumam apresentar evolução na pronuncia das palavras e facilidade em ler palavras extensas. Elas, saem da alfabetização com uma melhor compreensão no que ler e com eficiência na produção escrita. Se tornam mais hábeis com a língua escrita e falada. Portanto, acredito que o principal benefício é justamente o sucesso da metodologia na alfabetização.</p>

Considerando as respostas dadas pela entrevista, verifica-se um acentuado grau de aproximação entre a prática psicopedagógica desenvolvida com HRMB e a visão da profissional em relação a metodologia fônica e seus resultados na alfabetização com crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Não se quer aqui fazer uma associação perfeita entre a teoria e prática, mas, de forma honesta e real descrever o que foi observado e analisado durante os quatro primeiros meses do ano de 2021, quando HRMB foi atendido em um ambiente de aprendizagem psicopedagógica.

Verificou-se que a Psicopedagoga compreende o significado da leitura diante do processo de Alfabetização e utiliza recursos materiais, formas organizacionais e diferentes gêneros textuais, através de textos impressos, buscando despertar o gosto e o interesse pela leitura e proporcionar ao autista o desenvolvimento da sua competência leitora.

Notou-se que a mesma utiliza a leitura numa perspectiva lúdica como metodologia no processo de Alfabetização. A profissional, fazia uso de materiais concretos e lúdicos na aprendizagem. Nas atividades, utilizava o lúdico e criava sempre um ambiente com clima agradável e propício. Os jogos utilizados facilitavam e ajudavam HRMB no desenvolvimento de suas capacidades.

Compreende-se ainda que a professora se preocupava em favorecer a criança o pleno desenvolvimento emocional, cognitivo e social ao trazer os jogos e brincadeiras ao ambiente das sessões como recurso para ampliar a linguagem e que colaborava para o menor aprender sobre valores e interiorizar o conhecimento de forma prazerosa.

De acordo com as respostas, entende-se que a entrevistada conhece e corrobora com o processo de Alfabetização dos autistas aplicando o método fônico e que reconhece a importância de se trabalhar a consciência fonológica e linguísticas dessas crianças, visto que o utiliza o método em sua prática psicopedagógica e trabalha com planos de intervenção através para alfabetizar crianças autistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o estudo realizado a partir do trabalho realizado pela psicopedagogia com um aluno autista que participa de atividades de aprendizagem através da metodologia fônica na Clínica Escola Mundo Autista, tem-se que mediante resultados obtidos durante a observação das rotinas de seleção e preparação de materiais para o ensino e aprendizagem da escrita e da leitura e diante do posicionamento da professora ao responder as perguntas

do questionário, que HRMB recebe para além da escola regular um eficiente apoio para melhorar sua aprendizagem na escrita e na leitura.

Verificou-se ainda que o trabalho psicopedagógico desenvolvido através do método fônico era baseado no ensino do código alfabético de forma dinâmica, onde as relações entre sons e letras eram feitas através do planejamento de atividades lúdicas e criativas para levar a HRMB a aprender a codificar a fala em escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento.

Portanto, fica nítida a importância de dois elementos aqui dispostos: primeiro a visão do método fônico como eficaz para o desenvolvimento da aquisição do código escrito e, conseqüentemente, do processo de alfabetização; segundo, que este é fundamental para a promoção de um letramento efetivo, visto que, para se tornar uma criança autista alfabetizada, capaz de fazer uso da língua para atuar em situações sociais envolvendo a comunicação, numa sociedade letrada, conhecer o código é condição fundamental.

REFERÊNCIAS

- ARFELLI, J.C.V. **A importância do conhecimento do Psicopedagogo voltado para o método de alfabetização e os distúrbios de aprendizagem.** São Paulo: Art med, 2000.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Caixa de trabalho uma ação psicopedagógica proposta pela Epistemologia Convergente,** In: **Psicopedagogia e Aprendizagem.** Coletânea de reflexões. Curitiba, 2002.
- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **A importância da escrita na clínica do autismo.** *Estilos clin.* [online]. 2015, vol.20, n.3.
- BOSSA, Nádya A., **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre: Artes Médicas 2000.
- CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico.** 5. ed. São Paulo: Memmon, 2010.
- CARDOSO, A. M. S. **Consciência fonológica e a memória de trabalho de crianças com e sem dificuldades na alfabetização.** *CoDAS*, São Paulo, v. 25, n. 2, 2013.
- CHAMAT, Leila Sara J. **Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista.** São Paulo: Vetor, 2004.
- FARIAS, V. C. A Consciência Fonológica como Proposta de Intervenção Psicopedagógica no Processo de Alfabetização. *Ideias & Inovação | Aracaju | V. 5 | N.2 | p. 67-74 | Setembro 2019.* Disponível: <https://core.ac.uk/download/pdf/230423877.pdf>. Acesso em: 18-set-2021.

GOMES, C. G. **Desempenho de pessoas com autismo em tarefas de emparelhamento com o modelo por identidade: efeitos da organização dos estímulos.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), p. 412-423, 2008.

GOMES, C. G. **Equivalência de estímulos e autismo: uma revisão de estudos empíricos.** *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 4, p.729-737, 2010.

MASCARELLO, L. J.; PEREIRA, M. M. A. **Aspectos cognitivos na aprendizagem da leitura.** *Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR*, v. 4, n. 2, jul./dez. p. 1-24, 2013.

MORAIS, A. M. P. de. **A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura.** São Paulo: Vetor, 1997.

MOUSSINHO, R. **Desenvolvimento da leitura e escrita e seus transtornos.** In: GOLDFELD, M. *Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 161 p.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas.** 8 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

NUNES, Débora Regina de Paula. WALTER, Elizabeth Cynthia. **Processos de Leitura em Educandos com Autismo: um Estudo de Revisão**¹, out/dez. 2016.

SAMPAIO, SIMAIA. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico.** Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SAVAGE, John F. **Aprender a ler e a escrever a partir da fônica: Um programa abrangente de ensino.** 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIDAL, Fernando. **"O sujeito cerebral. Novo paradigma defende abordagem multidisciplinar para compreender a experiência humana"**. *Scientific American Brasil*. 2006.